

Mulheres serão campeãs de bilhar - e daí?

Megatendências para as Mulheres

ABURDENE Patricia NAISBITT
John (tradução de Magda Lopes)

Rio de Janeiro Rosa dos Tempos 1993 479 p

Um dos muitos modismos dos anos 60 foi a futurologia. Seu guru máximo era o físico e estrategista norte americano Herman Kahn, que depois de trabalhar muitos anos para a Força Aérea dos Estados Unidos fundou o Instituto Hudson. Um dos projetos mais importantes deste instituto era a internacionalização da Amazonia que seria transformada em um imenso lago. Houve no Brasil quem ficasse entusiasmado com o projeto do cientista, cuja invenção mais notável foi aplicar a teoria dos jogos para orientar estratégias militares. Mas houve quem não gostasse. E entre os inimigos das ideias intervencionistas de Herman Kahn estava o publicitário e pesquisador cultural Marcus Pereira. Quando se anunciou a vinda de Kahn ao Brasil em uma época de ditadura militar que não permitia certas manifestações nacionalistas ou quaisquer manifestações anti americanistas Marcus aproveitou a campanha que então se fazia contra os perigos do uso do ciclamaro em regimes de emagrecimento e o fato de o futurologo ser extravagantemente gordo para fazer um poster simples, o rosto redondo de Kahn e a legenda Ciclamaro nele! Espalhado pelos muros do Rio e São Paulo, o poster foi o maior sucesso.

Longe de mim sugerir que todo futurologo deva ser tratado a ciclamaro. Mas temo que as profecias da dupla Patricia Aburdene & John Naisbitt, batizadas por eles de megatendências sejam um modismo rendoso como o Hudson Institute *Megatrends 2000* e *Megatendências Reinventando a Corporação* já venderam 14

milhões de exemplares em 35 línguas. Outro mega sucesso editorial é *Paradoxo Global* que Naisbitt lançou no Brasil em abril passado (Veio sozinho. A mulher já está trabalhando no próximo sucesso).

Meu temor não é sem base. Nos agradecimentos que abrem o livro *Megatendências para as Mulheres*, os autores informam que ao contrário da grande equipe de pesquisa que se imagina eles tenham, quem faz todo o trabalho para eles é uma formidável Joy Van Elderen. É o nosso tesouro, a pesquisadora com a qual os outros escritores só podem sonhar. Reune montanhas de recortes de jornais e outras informações e os transforma em apontamentos digeríveis. Conhece a Biblioteca do Congresso como a palma de sua mão. Consegue localizar praticamente qualquer pessoa por telefone e entrevista-las ou extrair delas (sic) o último fragmento de informação de que necessitamos para comprovar nossa hipótese. É assim confessado com toda esta singeleza, que funciona a dupla de futurologistas.

O livro é dividido em 11 capítulos situando o futuro da mulher nos vários campos de atividade humana. Que tendências as mulheres precisam conhecer para adquirir poder no presente e no futuro? e a proposta explicitada na Introdução. Logo no primeiro capítulo *As Mulheres na Política*. O Caminho para a Presidência dos Estados Unidos, o poder político supremo é garantido para o início do século XXI, quando uma mulher chegará à Casa Branca. Com as tendências a seu favor, ela vai construir o seu caminho, passará pelos especialistas, profetizam.

Nos esportes as conquistas serão fantásticas. Em 1998 as mulheres correrão as maratonas tão ou mais rapidamente que os homens. Os leitores ficam sabendo inclusive que um dia as mulheres serão campeãs mundiais de bilhar, mas vai levar tempo. Acrescentam os autores cautelosamente. Em todo caso, o esporte poderia ser um novo caminho para as mulheres alcançarem a liderança empresarial.

Mas se a futurologia da dupla pode ser bastante criticada principalmente por se basear nos recortes de jornais e nas entrevistas telefônicas de Ms Van Elderen os dados recolhidos e expostos no livro são bastante interessantes. Mulheres batendo recordes, mulheres sendo sagradas, bispas, mulheres assumindo a direção de grandes empresas, questões como a menopausa e o câncer de mama, direcionando políticas de saúde, centenas de exemplos da crescente participação feminina nos destinos do mundo são citados e muitas discussões a partir daí são levadas a cabo.

O ponto de partida é bom, a constatação de que a libertação das mulheres ainda não foi alcançada, mas que as mulheres com suas realizações estão começando a transformar o mundo, a construir novos paradigmas sociais. Além das conclusões ou tendências apontadas, serem discutíveis, porém a intenção geral do livro me parece bem longe de qualquer posicionamento feminista. Quando os autores querem demonstrar que a obra não é dirigida apenas às mulheres, lançam mão dos seguintes argumentos: Descrevendo o que algumas das mulheres mais atuantes e poderosas do mundo estão realizando, este livro vai ajudar um pai a aconselhar suas filhas de modo atualizado. e As páginas dedicadas às empresas estão repletas de exemplos: desde comerciantes falidos até fabricantes de calça dos esportivos que perderam vinte milhões de dólares investidos em campanhas publicitárias de negócios que ignoraram, subestimaram ou

mal interpretaram a importância de um **mercado feminino em mutação**. O destaque é deles. Essa preocupação mercadológica é a tônica do livro inteiro, a partir das promessas de receitas para alcançar o poder. da Introdução.

A edição brasileira teve o louvável cuidado de acrescentar um Apêndice escrito pela jornalista Judith Patarra sobre Mulheres Brasileiras: Caminhos e Tendências. Ali temos certamente o melhor de *Megatendências para as Mulheres*. Judith Patarra faz um levantamento breve do que há no Brasil na área dos movimentos de mulheres, destacando o trabalho das ONGs feministas e conquistas como o PAISM, Plano de Assistência Integral à Saúde da Mulher, que foi objeto de detalhado estudo de Elza Berquo no Dossiê do número anterior da REF. Seguindo o modelo do livro, ela termina cada item tratado apontando uma tendência sem profecias mirabolantes, mas geralmente com otimismo. Em lugar de tentar adivinhar quando uma mulher será Presidente do Brasil, ao focar a questão da participação política, simplesmente adverte:

As mulheres ficam isoladas quando atingem alguma liderança. O próprio movimento feminista se descola delas. Mulheres ainda não elaboram condições para dar suporte financeiro e estratégico às suas candidatas, ao contrário da Argentina, por exemplo, onde existe uma estrutura suprapartidária de educação e incentivo à participação política feminina.

ANA ARRUDA CALLADO ■

O enclausuramento da vida doméstica

A Condição Feminina no Rio de Janeiro - Século XIX

MOREIRA LEITE, Miriam (org.)

São Paulo: EDUSP, HUCITEC/Pro Memória, 1984.

Uma negra escrava abana sua senhora. Esta sentada numa poltrona repousa languidamente recostada em seu braço direito. No chão, uma negrinha nua diverte-se com alguns brin-

quedos. A gravura de 1821 empurra nos sem cerimônia para o século XIX, para a cidade do Rio de Janeiro, ilustrando a capa da antologia *A Condição Feminina no Rio de Janeiro - século XIX*, organizada por Miriam Moreira Leite, a gravura é atrevida ao revelar o interior de um sobrado colonial carioca, nessa época, ao resguardado dos olhares externos por suas grossas paredes protetoras. Atrevida a gravura, atrevidíssimo o gravador, pois flagrou a senhora em trajes caseiros, uma espécie de combinação, numa situação de absoluta intimidade. Conquistada pelo buraco da fechadura ou pela